

POZZEBON, Paulo Moacir Godoy

FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO DEMOCRÁTICO DE JACQUES MARITAIN, Londrina: Ed. da Universidade Estadual de Londrina, 1998. 191pp.

Paulo M. G. Pozzebon atualmente é coordenador do Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como também professor de Filosofia no Brasil na mesma instituição.

O objetivo da obra é o de apresentar o pensamento democrático do filósofo francês Jacques Maritain (1882-1973), evidenciando seus fundamentos filosóficos, tema que, segundo o autor, tem sido tratado com demasiada superficialidade. Ressalta que a questão da democracia em Maritain é ponto fundamental para que se possa verdadeiramente interpretá-lo. Ele que foi ora defendido pelos que o consideravam um grande pensador, ora combatido em seu próprio país, excluído dos livros de História da Filosofia. Ao retomá-lo e estudá-lo, Pozzebon escreve ser esta a oportunidade de não apenas render-lhe certa justiça intelectual mas além, e muito mais do que isto, é a de enriquecer profundamente as meditações políticas contemporâneas, lembrando-nos que, no Brasil, o pensamento de Maritain, segundo os estudiosos do pensamento luso-brasileiro, exerceu maior influência por seus aspectos políticos e religiosos do que propriamente, filosóficos. É oportuno então, trazê-lo novamente, para que se possa encontrar as relações entre democracia, cristandade, cristianismo, sociedade, moral e metafísica, fundamentados na filosofia de Maritain.

O livro é composto em quatro capítulos, sendo que cada um deles aborda, paulatinamente, o tema a ser discutido, proporcionando-nos uma leitura acessível e enriquecedora, o que vai, também, de encontro com a proposta do autor, que é a de esclarecer e retomar a filosofia de J. Maritain de maneira nova e transparente.

O primeiro, com o título "O acesso ao pensamento político maritainiano", (pp. IS-45); o segundo "Crítica dos humanismos e do mundo moderno" (pp. 47-82), o terceiro "Uma filosofia da democracia" (pp. 83-156), e o último "Perspectivas abertas pela

democracia" (pp. 157-177). Segue-se a conclusão da obra e a vasta bibliografia utilizada para compô-la, evidenciando a profundidade com que o tema foi estudado pelo autor..

No primeiro capítulo, Pozzebon nos apresenta como e porque Maritain retoma o tomismo e a influência decorrente deste. Para tanto, este capítulo contém abordagens que tratam desde sua formação acadêmica, a base de sua metafísica, a questão relativa ao espiritual e temporal, finalizando com as obras políticas. Após a leitura da **Suma Teológica** de S. Tomás de Aquino, toda produção literária de Maritain apresenta a forte influência tomista em sua filosofia, tornando-o um divulgador desta, mas renovado e atualizado, que não ignorava as contribuições da ciência e dos pensadores contemporâneos; ele repensa todos os campos do saber filosófico à luz do tomismo, retomando suas próprias teses muitas vezes, fato que dá coerência e unidade em toda sua obra. Após a leitura da abordagem feita por Pozzebon, evidencia-se a importância de não se confundir o tomismo de Maritain com apologética católica. A questão do ser como ser ontológico e transcendental, a política e a organização social, as relações sociais elevadas pela fé e crença na revelação divina, ou seja, a discussão acerca do problema entre espiritual e temporal, são esplanadas pelo autor, ficando-nos claro como e porque Maritain fez críticas aos humanismos modernos e propõe um Humanismo Integral. As obras políticas escritas pelo filósofo francês são citadas ao final deste capítulo, demonstrando-nos a coerência e unidade destas.

O segundo capítulo - **Crítica dos Humanismos e do Mundo Moderno** - composta por cinco itens: A noção de mundo moderno; Tragédia dos humanismos modernos; O crepúsculo da civilização e o novo humanismo; O humanismo Integral e o projeto da Nova Cristandade; o Ideal Histórico de uma Nova

Cristandade e A Democracia na Nova Cristandade. Em coerência com o primeiro capítulo, neste encontramos os fundamentos, bem como referências às obras de Maritain, permitindo-nos um crescimento e aprofundamento de seu pensamento e também as críticas feitas ao mundo moderno que, para ele, é caracterizado desde a civilização surgida após a dissolução da cristandade medieval até, aproximadamente, as duas grandes guerras mundiais. Nas palavras de Pozzebon "ao tentar salvar-se a si mesmo e fazer a história humana sem Deus, fechou-se o homem a todo contato com Deus (seu princípio vivificador e transcendente), guiado pelo antropocentrismo do pensamento moderno, do que resultam concepções distorcidas da natureza humana e da razão - o humanismo moderno".

A democracia maritainiana é amplamente comentada ao final deste capítulo. As concepções acerca do termo, a evolução do pensamento de Maritain ao longo de seus escritos, são revistos e alinhavados, demonstrando, mais uma vez, a coerência do filósofo e seu ideal político no chamado Humanismo Integral que, entendia o termo "democracia" com um sentido de liberdade, de possibilidade de resgate do valor ético, que permite à pessoa humana a própria dignidade, num contexto de uma sociedade cristamente inspirada. Somente desta forma os indivíduos viveriam dentro de um regime democrático, onde o evangelho seria vivido socialmente, pois são compatíveis e se implicam mutuamente.

O terceiro capítulo - **Uma Filosofia da Democracia** - apresenta-se o mais longo da obra em questão, (17 itens), discorre desde as origens evangélicas do ideal democrático, reporta-nos aos conceitos de amizade civil, igualdade, autoridade, soberania e o Estado, até ao regime democrático proposto por Maritain. Neste encontramos como ele desenvolve "a diretriz a ser traçada para ser possível a reconstrução da civilização ocidental, segundo a perspectiva do humanismo teocêntrico". Pozzebon esclarece que, para tal tema, o filósofo francês não escreveu uma obra específica, mas que, ao retormarmos a leitura de seus escritos, isto evidencia-se. Para tanto, o prof. discorre, com clareza, sobre alguns aspectos como "a fé democrática comum e a carta democrática", "os corpos intermediários e a animação espiritual e política", "os inimigos da democracia", "instituições propostas para um regime democrático". Finaliza este capítulo considerando que "a transformação da sociedade, no sentido de cristianizá-la, moldando-a por princípios e instituições evangélicamente

inspiradas, tem inequívoco caráter utópico: trata-se de obra cuja realização é possível num futuro remoto (...). Em continuidade ao raciocínio maritainiano, o futuro colocaria novas situações históricas para as quais deveriam ser criados novos ideais históricos concretos, a partir da filosofia política humanista".

No quarto e último capítulo - **Perspectivas abertas pela Democracia** - dividido em quatro itens, encontramos "o bem comum pode ser realizado pela democracia": bem comum do povo é a finalidade da política, com embasamento na filosofia de Aristóteles e S. Tomás de Aquino, segundo Maritain; "a racionalização moral da vida política e o fim do maquiavelismo": Maritain concebe a Política como saber prático, como também um dos ramos da Ética, seguindo o pensamento aristotélico-tomista, e faz duras críticas ao maquiavelismo por ter provocado, ou ainda, causado uma cisão entre ética e política; "a instauração de uma sociedade mundial": em decorrência da segunda guerra mundial e a possibilidade de uma guerra atômica, Maritain, segundo uma perspectiva filosófica política, propõe uma unificação política do mundo; "a cidade fraterna - democracia ou cristandade?": ao longo de suas obras, Maritain modifica o termo de "uma sociedade cristamente inspirada" pelo termo democracia. O autor discorre sobre quais são as reais dimensões e as conseqüências teóricas desta mudança.

Em sua conclusão, Prof Pozzebon aponta-nos os aspectos principais do pensamento maritainiano, sua filosofia tomista, que preserva a noção de homem tal como Aristóteles - "um microcosmo que se conduz a si mesmo", como também o humanismo integral, que concebe o homem na integralidade de seu ser. A democracia para Maritain é negativa inicialmente, mas modifica-se, tornando-se positiva, incluindo-a em seu projeto de Nova Cristandade e, posteriormente, propõe a construção de uma Democracia Orgânica.

Dada a clareza com que o autor expõe o desenvolvimento do pensamento filosófico e político, o livro é acessível não apenas ao leitor de Filosofia, mas também ao leitor que queira enriquecer seu próprio conhecimento. Leva-nos a repensar os conceitos de liberdade individual e social, ao bem comum, oferecendo-nos uma visão sobre democracia alicerçada na fé cristã, onde ambas se complementam e se entrecruzam com um mesmo objetivo: a integralidade do ser humano.

Lucilia Maria Goulart de Andrade Bonfim
Curso de Filosofia - PUC-Campinas -1999